

24 de fevereiro de 2023

IMPACTO DO CONFLITO NA UCRÂNIA NA ECONOMIA DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Introdução

A Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) lança hoje um “Em Foco” especial, que assinala um ano de conflito entre a Rússia e a Ucrânia, iniciado a 24 de fevereiro de 2022, e decorrente da invasão russa ao território ucraniano.

Em função dos dados disponíveis à data e das áreas com maior impacto, foram selecionados quatro domínios: o comércio internacional e o turismo: no primeiro caso, as transações com aqueles países, e, no segundo caso, os hóspedes e dormidas de residentes naqueles países. O terceiro domínio em análise será o do Índice de Preços no Consumidor, pelo impacto que a invasão teve na escalada de preços na economia mundial, e o quarto, o do crédito à habitação, devido ao aumento da taxa de juro e da componente dos juros nas prestações mensais.

Além destes quatro domínios, seria interessante perceber o impacto no sector imobiliário, no que respeita às transações de prédios que envolvem residentes na Rússia e na Ucrânia. Note-se que em 2018, a Rússia surge no top-10 entre os compradores de países estrangeiros que mais despenderam na aquisição de imóveis na Região. Contudo, os dados da compra e venda de imóveis encontram-se suspensos e em análise por parte da Direção-Geral de Política de Justiça, sendo que a última informação disponível se refere a 2020.

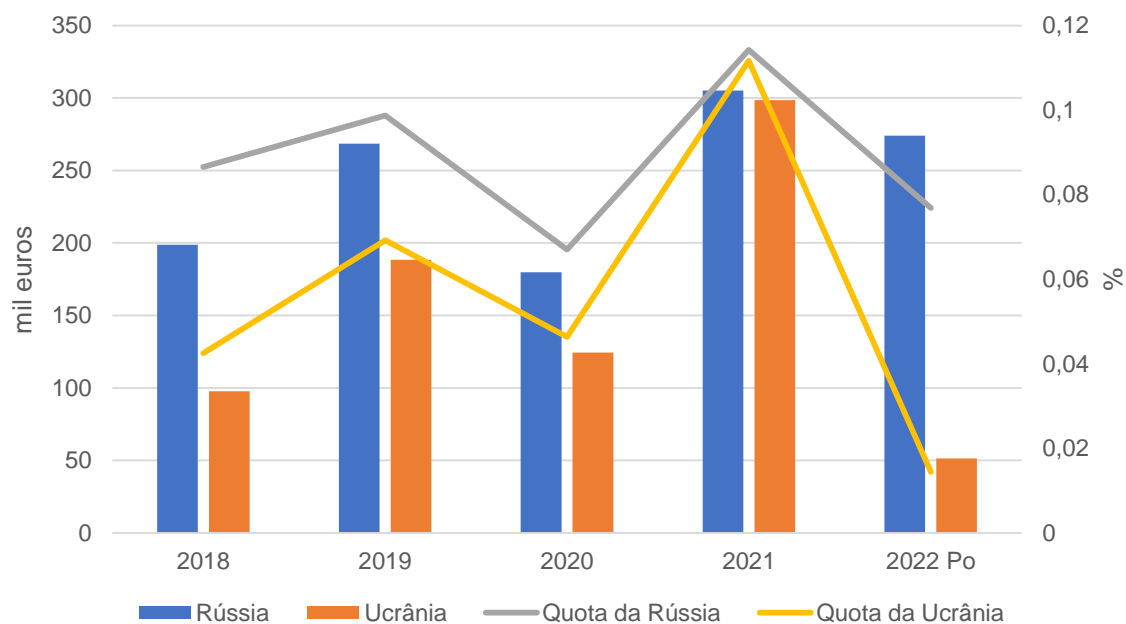
Comércio Internacional – Exportações para países beligerantes mais afetadas que as importações

Em 2021, as exportações dos operadores sediados na Região Autónoma da Madeira (RAM) para a Rússia e Ucrânia, totalizaram 305 e 298 milhares de euros, respetivamente, correspondendo, em ambos os casos, a 0,11% do total de exportações para o estrangeiro, sendo por isso mercados muito pouco relevantes.

Segundo os dados provisórios de 2022, essa falta de relevância tornou-se ainda mais notória, pois as exportações para a Rússia caíram 10,2% para os 274 mil euros, enquanto a saída de bens para a Ucrânia afundou 82,8%, não ultrapassando os 51 mil euros. Em termos de peso, as vendas para a Rússia representaram 0,08%, enquanto para a Ucrânia foram cerca de uma centésima do total (0,01%).



Fig. 1 – Exportações da RAM para a Rússia e Ucrânia



Em 2021, as importações da Rússia e da Ucrânia eram ainda mais irrelevantes. Para o primeiro país, rondavam os 3 mil euros e para o segundo 18 mil euros, representando 0,001% e 0,007% do total, respetivamente. Em 2022, o valor das importações da Rússia manteve-se, enquanto a entrada de bens provenientes na Ucrânia cresceu para os 47 mil euros, passando neste último caso, a representar 0,018% do total de importações de 2022.

De notar que o saldo comercial de bens é favorável à Região em relação a ambos os países, com exceção da Rússia em 2018, de onde se importou mais do que se exportou.

Turismo – Apesar da redução face a 2021, em 2022, o mercado ucraniano foi mais importante que o russo

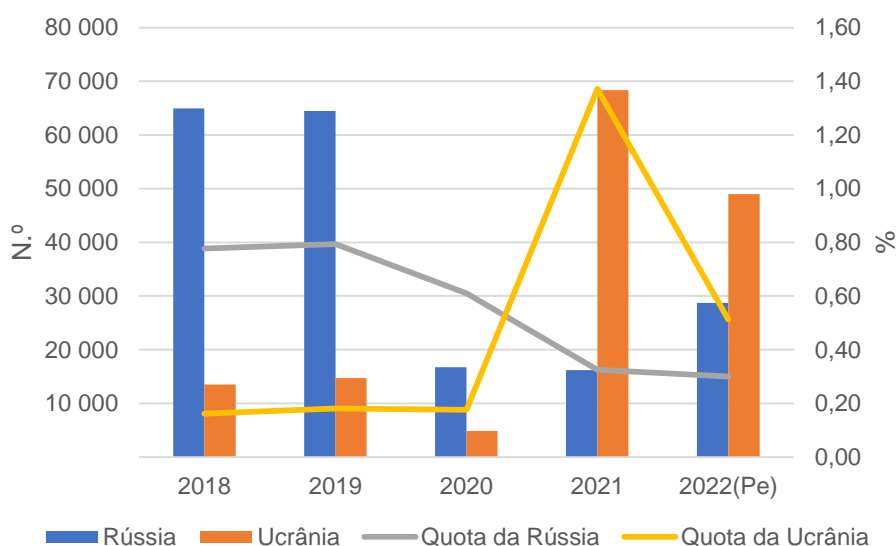
Em cada um dos últimos anos pré-pandemia (2018 e 2019), cerca de 11 000 turistas russos entraram nos estabelecimentos de alojamento turístico da Região, gerando cerca de 65 mil dormidas. O contributo do mercado ucraniano era então mais modesto; os hóspedes residentes neste país não chegavam aos três mil e as dormidas ficavam aquém dos 15 mil. Em termos de peso no total de dormidas, o mercado russo representava à volta de 0,8% e o mercado ucraniano 0,2%, sendo por isso mercados pouco relevantes.



Em 2020, ambos os mercados foram bastante afetados pela pandemia, com quedas em torno da média da generalidade dos mercados estrangeiros (-69,6%). Naquele ano, em termos de dormidas, o mercado russo caiu 74% e o ucraniano 67%, face a 2019. Em 2021, dá-se uma inversão na relevância destes mercados do leste europeu, com as dormidas de ucranianos a crescerem para a casa dos 68 mil, enquanto as de russos se fixaram nos 16 mil. Em 2022, as dormidas de ucranianos continuaram a ser mais representativas, não obstante a redução de 28,4% relativamente a 2021. Contrariamente, as dormidas de residentes na Rússia cresceram para as 29 mil (+77,5%). De qualquer forma, observa-se nitidamente o impacto do conflito, pois no caso destes mercados, os meses de janeiro e fevereiro de 2022 concentraram uma fatia de dormidas bastante superior ao que se tinha verificado nos mesmos meses de 2019. Assim, no mercado russo, mais de um quarto (26,3%) das dormidas ocorreram nos dois primeiros meses de 2022 (11,2% no período homólogo de 2019), enquanto no mercado ucraniano essa percentagem foi de 35,0% (12,5% em janeiro e fevereiro de 2019).

Face ao número global de dormidas, os mercados ucraniano e russo, representavam, em 2022, 0,5% e 0,2% do total.

Fig. 2 – Dormidas no alojamento turístico da RAM de residentes na Rússia e Ucrânia



Índice de Preços no Consumidor – Redução das taxas de imposto dos combustíveis permitiu que, em 2022, a taxa de inflação fosse mais baixa na Região do que no País

Apesar de os preços na Região já evidenciarem uma tendência crescente no final de 2021, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia veio acentuar essa tendência, com um efeito imediato no preço do barril de petróleo, que durante os cinco meses seguintes à invasão russa esteve quase sempre acima dos 100 dólares por barril. A partir de então, encetou uma tendência decrescente, sendo que no final da semana passada rondava os 83 dólares. Os dois meses anteriores ao início do conflito, já marcados pela tensão crescente entre a Rússia e a Ucrânia mostraram uma aceleração do preço desta matéria-prima, sendo que a própria recuperação económica da pandemia, com o aumento da procura do petróleo, também estimulou o crescimento de preços.



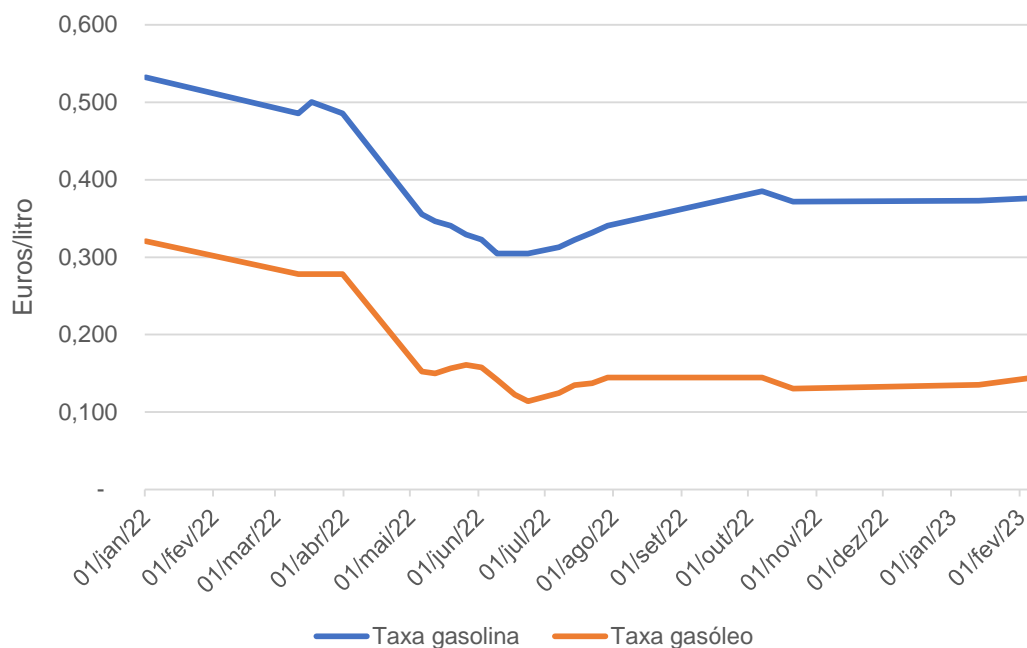
Fig. 3 – Preço do barril de petróleo (cotação do Brent)



No período em que os preços do petróleo ultrapassaram a barreira dos 100 euros, e de modo a mitigar o reflexo não só nos produtos derivados, mas também os efeitos em muitos dos preços dos bens e serviços que estão direta ou indiretamente dependentes dos preços da energia e dos combustíveis, procedeu-se a uma redução nas taxas de imposto da gasolina e do gasóleo, conforme evidencia a fig.4.

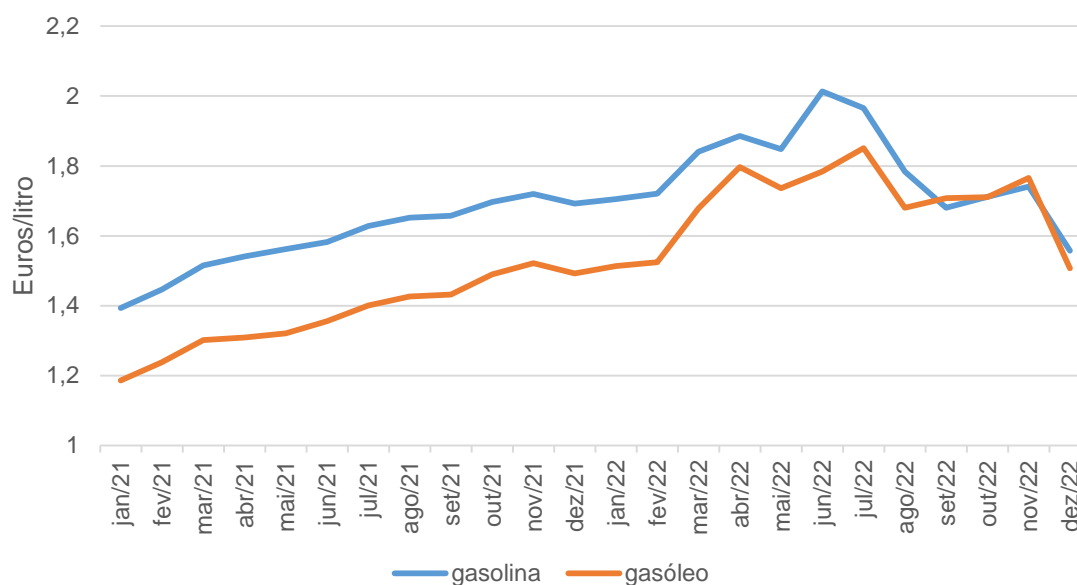


Fig. 4 – Evolução das taxas de imposto da gasolina e do gasóleo na Região



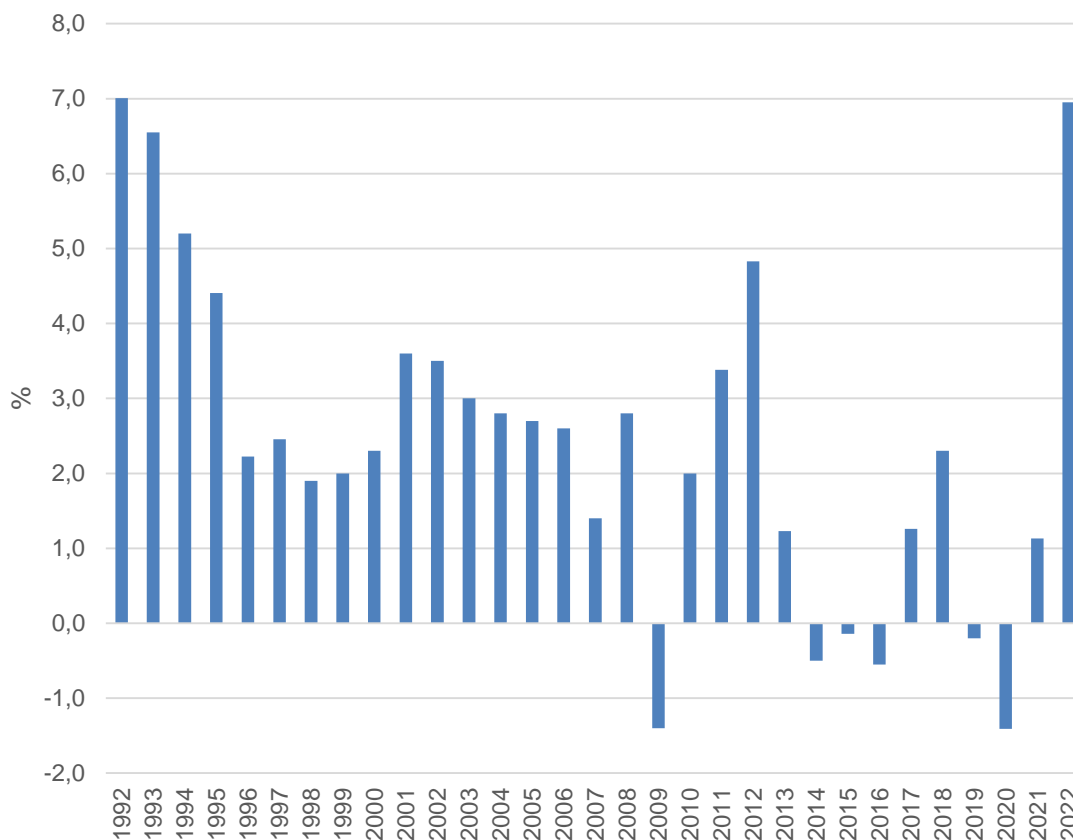
Esta redução evitou que o crescimento do preço dos principais combustíveis fosse mais pronunciado. Não obstante, o preço médio da gasolina de 95 octanas em junho chegou a ultrapassar os 2,00€/litro. Note-se que em dezembro de 2022, os preços da gasolina de 95 octanas e do gasóleo já estavam abaixo ao nível pré-conflito.

Fig. 5 – Média dos preços máximos de venda ao público da gasolina de 95 octanas e do gasóleo



Em 2022, a taxa de inflação na Região foi de 7,0%, sendo a mais elevada dos últimos 30 anos, mas ficando abaixo da registada a nível nacional (7,8%).

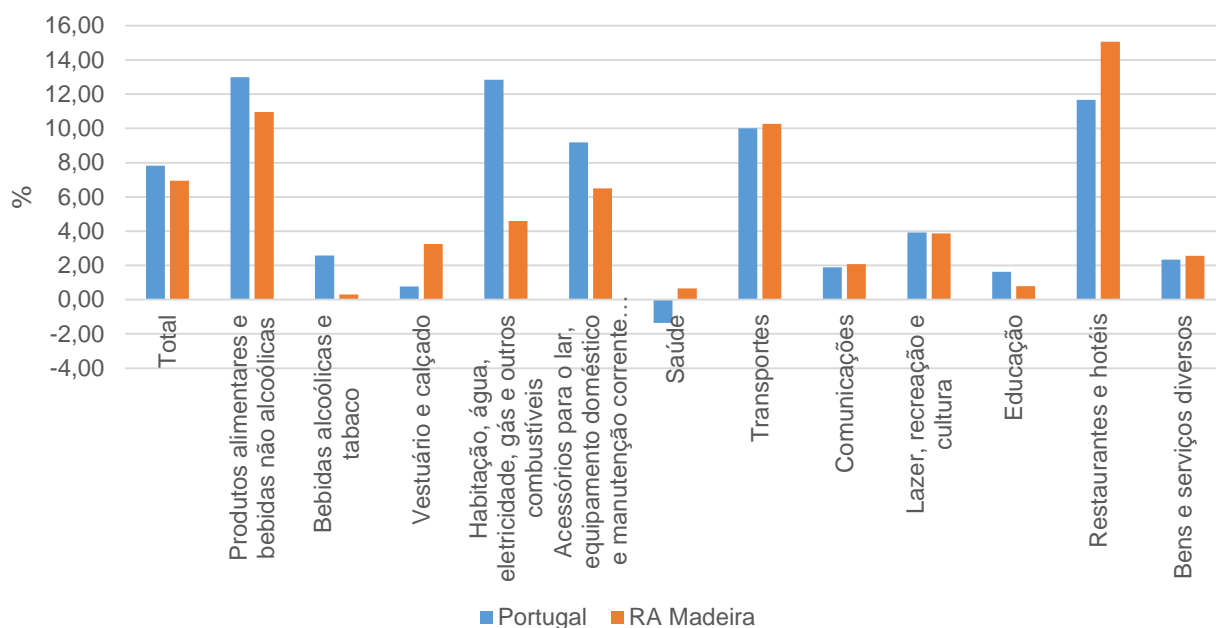
Fig. 6 – Taxa de inflação na Região



Por classe, os restaurantes e hotéis destacaram-se com o maior aumento de preços (15,1%), seguido dos produtos alimentares e bebidas não alcoólicas (11,0%) e dos transportes (10,3%), as três únicas classes com crescimentos acima dos 10%. No polo oposto, com taxas de inflação inferiores a 1%, ficaram as bebidas alcoólicas e o tabaco (0,3%), a saúde (0,7%) e a educação (0,8%).



Fig. 7 – Taxa de inflação em Portugal e na Região, por classes

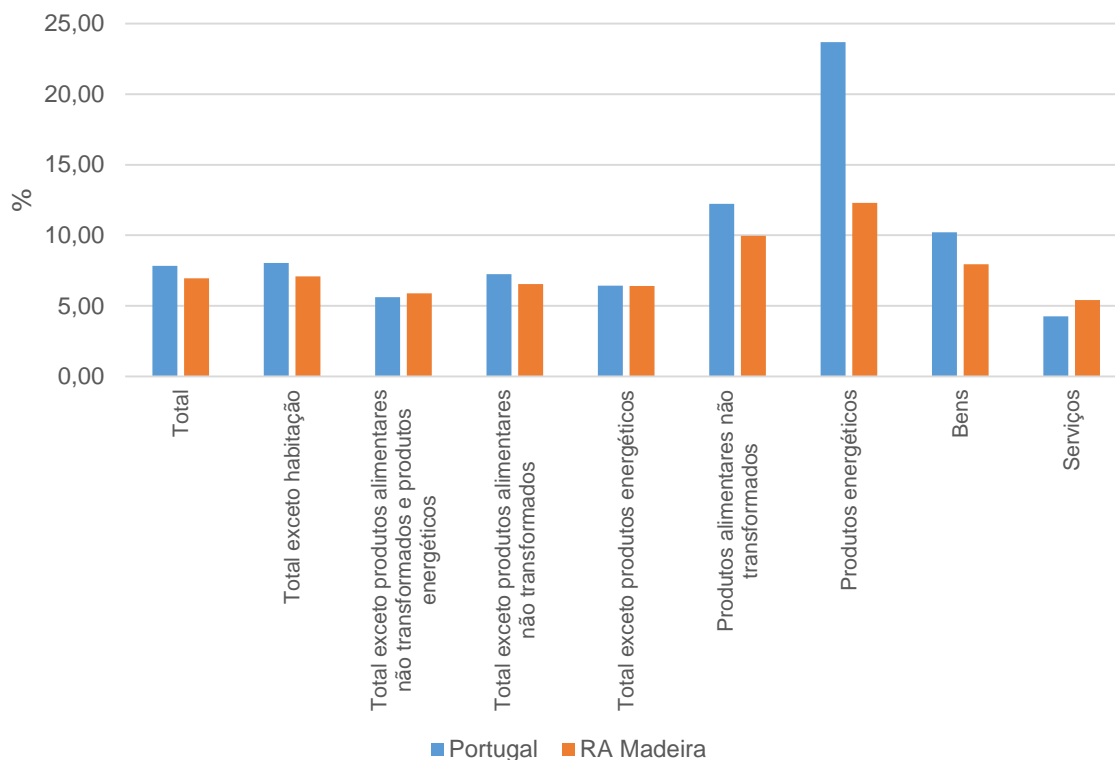


O agrupamento em bens (+8,0%) e serviços (+5,4%) mostra que os primeiros foram mais penalizados que os segundos.

Uma das explicações para o facto da inflação na RAM ter sido inferior à registada no conjunto do País consiste no menor crescimento dos preços dos produtos energéticos, que na Região aumentaram 12,3%, ou seja, cerca de metade do observado no País (+23,7%), como demonstra a fig.8.



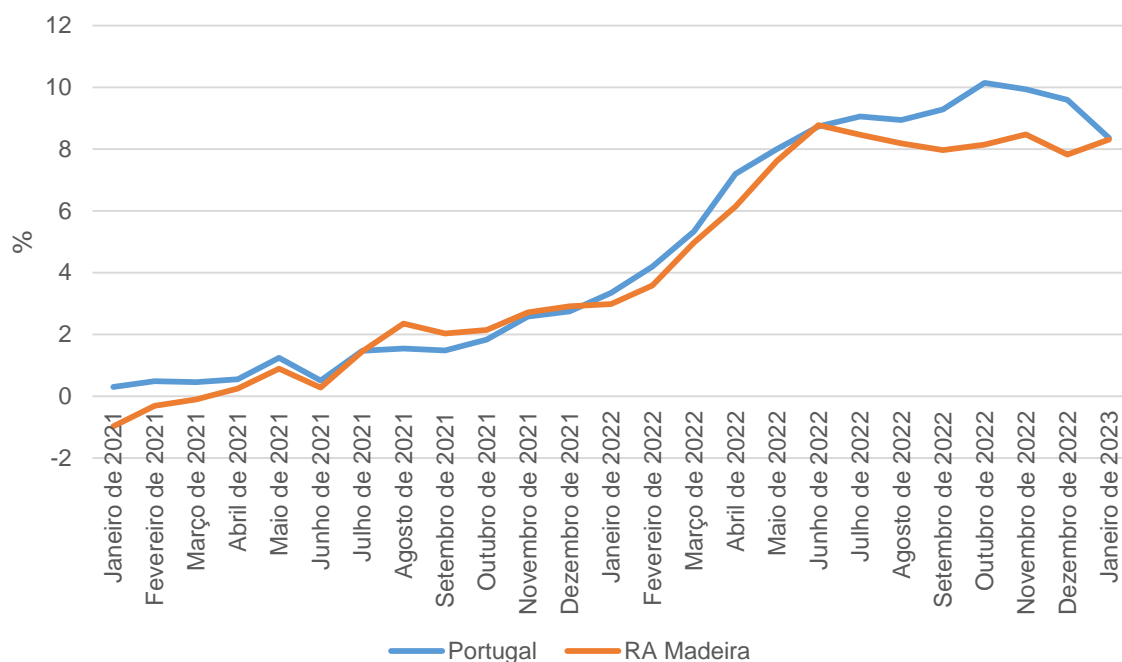
Fig. 8 – Taxa de inflação dos agregados especiais no País e na Região



A análise da taxa de variação homóloga permite perceber que a inflação, no atual ciclo, atingiu o seu pico na Região em junho de 2022, mês em que ascendeu aos 8,8%. Nos meses seguintes, este indicador manteve-se próximo desse registo, mas sem nunca o ultrapassar. No País, o pico foi atingido em outubro de 2022 (10,1%).



Fig. 9 – Taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor no País e na Região



Crédito à habitação – Taxa de juro implícita cresce há 10 meses consecutivos e atinge máximo desde junho de 2012

Para contrariar o crescimento generalizado de preços, o Banco Central Europeu começou a subir sucessivamente as taxas de juro diretoras, com reflexos diretos na EURIBOR. Assim, a taxa central de refinanciamento que era nula desde setembro de 2019 cresceu 50 pontos base em julho de 2022, 75 pontos base em setembro e novamente em novembro, sendo que em dezembro de 2022 e em fevereiro de 2023 subiu mais 50 pontos de base, fixando-se em 3%.

Em linha com o que tem sucedido à EURIBOR, a taxa de juro implícita no crédito à habitação atingiu em janeiro de 2023, os 2,3%, o valor mais elevado desde junho de 2012. Com efeito, depois de atingir um mínimo histórico em setembro de 2021 (0,696%), este indicador apresenta uma sucessão ininterrupta de aumentos a partir de abril de 2022, mês no qual a taxa de juro implícita no crédito à habitação se fixava em 0,760%.

A prestação média neste mês de abril de 2022 era de 270 euros, sendo mais elevada, em janeiro de 2023, em 51 euros. Embora o capital amortizado tenha caído 29 euros, os juros mais que triplicaram, passando de 38 para 118 euros.



Fig. 10 – Capital amortizado, juros e taxa de juro implícita no crédito à habitação na Região

